

# As organizações e o espaço profissional do assistente social

*Organizations and the professional space of the social worker*



**COM  
VICENTE FALEIROS**

Vicente de Paula Faleiros, nome de destaque no Serviço Social, é natural de Capetinga, Minas Gerais, residindo atualmente em Brasília. Assistente social e doutor em sociologia pela Universidade de Montreal, é professor titular aposentado da UnB e continua atuante no âmbito do Serviço Social, por meio da internet, com a página [www.faleiros.com.br](http://www.faleiros.com.br), da publicação de trabalhos, artigos, de livros e da participação em pesquisas e palestras.

Sua trajetória inclui a pesquisa, a docência e/ou a extensão em unidades de ensino latino-americanas, portuguesas e quebequenses, tendo sido professor na Universidade Católica de Valparaíso no Chile, na Universidade Laval em Quebec, na PUC de São Paulo, na Universidade Federal da Paraíba, na Universidade de Brasília. É professor convidado do Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa e da Universidade de Misiones na Argentina. É pesquisador do CECRIA, Centro de Referências, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes, que ajudou a fundar em 1993. Acaba de publicar, com Eva Faleiros e outros pesquisadores “Circuitos e Curtos Circuitos – Atendimento, Responsabilização e Defesa no Abuso Sexual de Crianças e Adolescentes”, pela Editora Veras, e, com outros pesquisadores, “Uma década de direitos – Estatuto da Criança e do Adolescente” – pela Escola de Conselhos da Universidade Federal de Mato Grosso.

A Revista Katálysis, tematizando Organizações e Gestão de Políticas Sociais, procura, por meio de algumas questões, trazer aspectos de seu pensamento, de suas propostas, para apresentar ao leitor um pouco de sua contribuição na construção do conhecimento.

---

**Katálysis** – Na sua opinião, quais as principais tendências e desafios que se colocam ao exercício profissional do assistente social, neste início do século XXI?

**Faleiros** – *Esta questão deve ser vista numa perspectiva histórica mais ampla, mas podemos destacar, no atual processo de globalização neoliberal, a forte tendência à redução do Estado e à mercadorização das políticas sociais como saúde, educação e habitação e à focalização das políticas da infância e da assistência. Essas tendências, por sua vez, se inscrevem em conflitos com a mobilização social e com o processo de garantia dos direitos e de participação e descentralização. Nesse contexto, o profissional tem como desafios, mais que nunca, desenvolver a capacidade crítica para analisar a correlação de forças em presença, posicionar-se na resistência ao neoliberalismo e construir estratégias participativas e de garantias dos direitos universais e do acesso aos direitos sociais, articulando sua ação no território onde atue, numa perspectiva de trabalho em redes, como assinalo no livro “Estratégias em Serviço Social”.*

**Katálysis** – Como o senhor analisa a inserção do assistente social nas organizações da sociedade civil, levando-se em conta a expansão de organizações sem fins lucrativos, ou aquelas denominadas de organizações do terceiro setor, que têm como finalidade a prestação de serviços sociais?

**Faleiros** – *As organizações do chamado terceiro setor (não governamentais e não lucrativas) são muito diversificadas e não são, de modo algum, substitutivas do Estado de Direito, mas podem ser complementares de algumas de suas ações na implementação e desenvolvimento de programas articulados de ação. Trata-se de um campo que, em geral, não exige uma qualificação específica, mas com-*

*petências no trabalho social, dedicação, aceitação de salários não muito elevados, precariedade do contrato, autonomia, iniciativa e gestão de projetos. Algumas ONGs estão mais consolidadas e têm financiamento institucional, facilitando a implementação de projetos e atividades mais contínuas. É preciso saber fazer articular a defesa dos direitos e o espaço público com a ação particularista que estas organizações realizam e ao mesmo tempo propor iniciativas e ações inovadoras que se tornam mais difíceis num contexto burocrático e rígido. São, pois, espaços contraditórios, que podem tanto fortalecer a política pública, como contribuir para sua privatização. No processo de parceria ou de cooperação com o Estado estas organizações só deveriam receber recursos públicos em projetos de interesse público, articulados a setores menos desenvolvidos do Estado (por exemplo atendimento a infratores), com transparência e prestação pública de contas. O marco legal do setor está sendo construído com conflitos sérios com a garantia de direitos, pois recebe pressões de grupos neoliberais para desresponsabilizar o Estado e não para implementar direitos. É preciso que nós profissionais façamos mais debates sobre esse marco legal e suas conseqüências, pois o discurso da flexibilidade e da proximidade pode estar buscando justificar novas formas de confinamento dos pobres em prestações miserabilistas. Ao invés de confinarmos os pobres em asilos vamos confiná-los nas próprias comunidades? Ao mesmo tempo, como trabalhar o desenvolvimento sustentável para a conquista da autonomia? Esta relação entre sustentabilidade e miserabilidade precisa ser aprofundada.*

*Aproveito este espaço para sugerir um encontro nacional sobre parceria, ONGs, sociedade e Estado.*

**Katálysis** – No momento atual como o senhor analisa o Serviço Social, no contexto das Políticas Sociais, quanto às suas formulação, implementação e avaliação?

**Faleiros** – *Na realidade, as Políticas Sociais latino-americanas vêm se definindo no contexto neoliberal (veja Brasil e Argentina) num projeto claro de priorização do pagamento da dívida externa. Os gastos sociais vêm se reduzindo em função do pagamento da dívida externa e a produção de superávits primários é a centralidade de toda a política macro-econômica, às vezes contrariada por conjunturas eleitorais, como analiso no artigo disponível na página “Faleiros”. É fundamental que ajamos como categoria profissional para criticar essa política, defender os direitos sociais e oferecer alternativas de peso. Em nível dos estados e municípios pode-se observar certa resistência e algumas iniciativas que se inscrevem no processo contraditório da luta e os profissionais, seja em suas organizações, seja através dos movimentos próprios ou articulados com outros segmentos, podem contribuir com análises, alternativas, pesquisas e avaliação. O poder estabelecido não aprecia estudos avaliativos, mas num momento de escassez de recursos passam a recorrer a eles. Precisamos estar preparados não só para avaliação de custos, mas também de impactos, resultados e processos.*

**Katálysis** – A implantação do novo currículo nos cursos de Serviço Social está sendo tema de muitos debates. Em seu livro Estratégias em Serviço Social, o senhor analisa, neste novo currículo, as estratégias de ação profissional no contexto organizacional. Quais são as suas principais idéias sobre este assunto, no momento presente?

**Faleiros** – *Sugiro a leitura de um artigo que publiquei na Revista Temporalis 2 da ABEPSS. Considero que a formação profissional pre-*

cisa ser cada vez mais contemporânea, trazendo ao aluno, mais um estoque, um fluxo de conhecimentos e experimentações que lhe possibilite aprender a aprender criticamente e se mover numa correlação de forças muito complexa e mutável.

**Katálysis** – Ainda, no que se refere ao currículo em implantação, como o Senhor analisa o processo de trabalho do assistente social?

**Faleiros** – *Seria reducionista e até irresponsável delimitar ou enquadrar o Serviço social num só processo de trabalho, por exemplo o vinculado às relações empregado-patrão ou em termos mais gerais, trabalhador-burguesia. O fundamento do trabalho profissional se encontra num determinado saber reconhecido, em geral legalmente definido, com exigência de uma ética e de responsabilidades civis e penais pelas conseqüências de seus atos. Os processos de trabalho se inscrevem, pois, numa correlação de poderes e saberes que configuram um campo de possibilidades e limites de ação definidos em estratégias subjetiva e objetivamente. O que está em jogo na intervenção não são manifestações isoladas de problemas heterogêneos, mas questões complexas, em cuja compreensão e resolubilidade entram o reconhecimento legal, os recursos disponíveis, as relações inter e intra-institucional, as condições de trabalho e de vida da população. Nesse sentido é que é importante trabalhar o empowerment ou o fortalecimento do oprimido, como definido em vários de meus textos.*

**Katálysis** – Considerando sua longa trajetória acadêmica e de participação política, quais os motivos que o levaram a atuar na área da criança e do adolescente?

**Faleiros** – *Desde 1985 participo do movimento de defesa dos direitos da criança e do adolescente, tendo co-*

*laborado com o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua desde essa data. Nessa época realizamos na UnB uma pesquisa sobre a trajetória do infrator e publiquei o texto “A fabricação do menor” como denúncia da violência. A questão do futuro da sociedade está muito presente na questão da infância e a gente vai se envolvendo nas lutas e demandas. A pesquisa que fiz da história das políticas da infância está no livro “A arte de governar crianças” da Editora Santa Úrsula.*

**Katálysis** – Qual a sua opinião sobre a intervenção do Serviço Social junto aos movimentos “sociopopulares e comunitários”?

**Faleiros** – *Como assinala Milton Santos em “Por uma outra globalização” há uma criação de cultura e de vida a partir da realidade concreta do povo que significa resistência e, segundo o autor “uma política de baixo”. Não precisamos mais de rotulações para esse tipo de ação, como basista ou mesmo transformadora, sendo o mais importante a aliança estratégica que possamos fazer entre os interesses dos pobres e excluídos e o trabalho profissional.*

**Katálysis** – Como o senhor vê as possibilidades de enfrentamento pelo Serviço Social das questões sobre: inclusão/exclusão social; relação local/global; e o controle social nas políticas públicas face ao momento e às dificuldades pelas quais atravessa o nosso País?

**Faleiros** – *No item anterior já comentei a relação estratégica de aliança entre o profissional e o povo, mas isto deve se traduzir numa mudança de nossas categorias de trabalho nas instituições (onde praticamos a exclusão), de nosso instrumental, de nossos práticos, de nossas práticas. Falamos muito, por exemplo, de informação, mas precisamos ir além*

*dela, construindo novas formas de aprendizagem coletiva do direito no emaranhado das próprias informações. É preciso construir com a população o que é do interesse dela.*

**Katálysis** – Qual é a sua opinião sobre as ações das organizações sociais locais – associações de moradores e ou movimentos locais/regionais na busca por qualidade de vida?

**Faleiros** – *A qualidade de vida é um processo inscrito nas relações de desigualdade social de que o Brasil é campeão, tristemente. Mudar a qualidade de vida, enfrentar a questão da desigualdade, da pobreza, enfim da exploração e da acumulação capitalista. As mudanças sociais não se fazem com bons propósitos, mas com pressões, propostas técnicas e exercício do poder. O movimento social é o movimento do poder e será maior ou menor na correlação de forças. O MST (Movimento dos Sem Terra) tem mostrado que se pode pressionar e conquistar território e poder com muita organização e luta, reduzindo a desigualdade na propriedade da terra. Isto só não garante qualidade de vida, e são as lutas pelo crédito, pelos preços, pela comercialização que trazem mudanças nas condições de trabalho. As condições de cidadania vão caminhando juntas no processo de crítica, de educação, de participação. Essa articulação entre o processo, o horizonte que se quer chegar e a correlação de forças que vão fazendo do caminho um horizonte e do horizonte um caminho.*

**Katálysis** – O senhor gostaria de fazer outros comentários ou algumas considerações?

**Faleiros** – *Sou eu quem aguarda os comentários e as considerações.*

Entrevista concedida à professora Maria Ester Menegasso, em outubro de 2001.